

O TRABALHO COM FONTES HISTÓRICAS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Ana Claudia Urban¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar resultados de uma investigação sobre a forma como um grupo de alunos relaciona-se com diferentes fontes históricas. A pesquisa foi pautada em estudos e pesquisas na área da Educação Histórica, que abriga pesquisadores que centram seu foco de investigação na necessidade de conhecer e analisar as ideias históricas dos alunos e professores e, portanto, nos princípios, fontes, tipologias e estratégias de ensino e aprendizagem que tenham como referência a História. A investigação que apresentamos ocorreu com alunos do 9º. Ano de uma escola pública estadual e teve como principal preocupação a forma como jovens estudantes relacionam-se com diferentes fontes históricas relacionadas com a história da cidade. A pesquisa envolveu: o levantamento de ideias prévias dos alunos, a intervenção pedagógica em sala de aula e uma visitação a locais da cidade. Ao final, foi possível perceber que a ideia dos alunos acerca de fonte histórica foi ampliada, tendo em vista que houve um reconhecimento dos espaços visitados como documentos que contam a história da cidade.

Palavras-chave: Educação Histórica. Fontes Históricas. Ensino de História.

Investigações desenvolvidas em diferentes países, como na Inglaterra, no Canadá e em Portugal, por pesquisadores que centram suas discussões nos princípios, fontes, tipologias e estratégias de aprendizagem em História tem mostrado uma forma de pensar o ensino e a aprendizagem em História, tomando como referência de investigação a epistemologia da História.

A tônica em torno do ensino de História, apesar da diversidade de pesquisas e investigações, foi conquistando espaço e, ao mesmo tempo, solidificando grupos de investigação que, indubitavelmente, continuam crescendo em meio ao mundo acadêmico.

¹ Doutora em Educação pela UFPR. Professora de Metodologia e Prática de Ensino de História do Departamento de Teoria e Prática de Ensino (DTPEN) – Setor de Educação (UFPR) e Pesquisadora da LAPEDUH (Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica/UFPR) claudiaurban@uol.com.br

A constituição de grupos de investigação, organizados no Brasil e em outros países, evidenciam esse debate. Para exemplificar tais proposições citam-se a existência, no Brasil, do Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica, (LAPEDUH) do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Paraná; em Portugal, das pesquisas sobre cognição e aprendizagem em História e Ciências Sociais e Consciência histórica: teoria e práticas do Departamento de Metodologias da Educação, do Centro de Investigação em Educação, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, em Braga. Esses são alguns dos grupos de pesquisa que, atualmente, vêm suscitando debates e investigações sobre o ensino e a aprendizagem em História.

O diálogo envolvendo o ensinar e aprender História encontra nas discussões e pesquisas da área da Educação Histórica, um campo de reflexão que leva em conta a necessidade de conhecer e analisar as ideias históricas dos alunos e professores e, portanto, nos princípios, fontes, tipologias e estratégias de ensino e aprendizagem que tenham como referência a História. Trata-se de uma linha de investigação que centra seu foco na necessidade de se conhecer e analisar as relações que, alunos e professores, estabelecem com o conhecimento histórico; bem como na análise da forma pela qual, a relação com fontes históricas colabora para a formação das ideias históricas e da consciência histórica de crianças e jovens; alunos e professores.

Sobre este campo de investigação afirma a pesquisadora Isabel Barca (2005, p.15):

Nestes estudos, os investigadores têm centrado a sua atenção nos princípios, fontes, tipologias e estratégias de aprendizagem em História, sob o pressuposto de que a intervenção na qualidade das aprendizagens exige um conhecimento sistemático das *idéias históricas* dos alunos, por parte de quem ensina (e exige também um conhecimento das *idéias históricas* destes últimos). A análise destas *idéias* implica um enquadramento teórico que respeite a natureza do saber histórico e que deve reflectir-se, do mesmo modo, na aula de História.

A estas ideias acrescenta Maria Auxiliadora Schmidt (2009, p. 11):

[...] os estudos relacionados ao campo da Educação Histórica, abrem um diálogo com as teorias educacionais que procuram entender o significado dos processos de escolarização, particularmente no que se refere aos processos de ensino e aprendizagem, face ao declínio da escola como instituição com a “função de”, para entendê-la como o espaço da experiência (individual e social) dos sujeitos com o conhecimento [...].

Tais afirmações evidenciam, entre seus pressupostos teóricos, a compreensão da natureza do conhecimento histórico e o desenvolvimento do pensamento histórico de crianças e jovens. Em seus estudos, Barca (2000) vem contribuindo nesta perspectiva e, em sua tese de doutoramento, *O Pensamento Histórico dos Jovens – Ideias dos adolescentes acerca da provisoriedade da explicação histórica*, a pesquisadora analisou elementos sobre a aprendizagem da História, por meio de um estudo realizado com jovens portugueses, procurando demonstrar a compreensão da ideia de provisoriedade histórica.

As reflexões advindas desta e outras pesquisas vêm colaborando nas discussões sobre a compreensão de uma cognição histórica. Contribuições como estas fornecem elementos para que se olhe para a aprendizagem em História, preocupando-se com o “aprender” e sabendo que este aprender é permeado por experiências relativas a cada grupo de pessoas.

Compreender os processos cognitivos dos sujeitos ao pensarem em História, examinar as relações entre as ideias tácitas (ideias que os alunos constroem a partir de suas vivências) e os conceitos históricos, explorar a compreensão dos alunos quanto aos conceitos históricos quer de natureza substantiva quer de natureza epistemológica (por exemplo, a interpretação das fontes) tem sido objectivos centrais da pesquisa no campo da cognição histórica. (BARCA e GAGO, 2001, p. 242).

Na citação anterior é delineada a natureza da chamada cognição histórica, ou seja, percebe-se que a aprendizagem em História passa a ter, como ponto de referência, o que a autora chama de “ideias tácitas” e “conceitos históricos”.

As ideias tácitas e os conceitos históricos configuram-se em pontos fundamentais acerca da compreensão sobre a aprendizagem em História, ou seja, sobre a forma como acontece a cognição histórica.

Sobre a cognição histórica, Barca e Gago esclarecem que:

[...] os conceitos históricos são compreendidos pela sua relação com os conceitos da realidade humana e social que o sujeito experiência. Quando o aluno procura explicações para uma situação do passado, à luz da sua própria experiência, mesmo sem apreciar as diferenças entre as suas crenças e valores e as de outra sociedade, revela já um esforço de compreensão histórica (BARCA e GAGO, 2001, p. 241).

As reflexões envolvendo a aprendizagem no ensino de História vêm trazendo uma preocupação acerca de “como o aluno aprende” e “o que é pensar historicamente”. Esta forma de entender a aprendizagem em História vai, de certa forma, diferenciar-se de outras abordagens que, inclusive, dominaram a compreensão sobre a relação ensino/aprendizagem marcada pela Psicologia. Também se fez anunciar nos estudos realizados por Barca a forma pela qual a pesquisadora percebe a influência da Psicologia.

Pontua a autora:

Durante a década de sessenta e princípios da década de setenta, a investigação em educação foi fortemente influenciada pela teoria piagetiana, enfatizando o desenvolvimento cognitivo ao longo de três estádios principais, sequenciais e invariantes. Esta corrente reflectiu-se na discussão sobre o lugar da História no currículo [...] e em estudos sobre o pensamento dos alunos em História [...] (BARCA, 2000, p. 23).

Em meio a estas e outras investigações as discussões envolvendo o ensino e a aprendizagem em História vem apontando significativas reflexões sobre a forma pela qual os alunos registram ou expressam o que sabem ou como aprendem História. Nessa direção o espaço escolar, especificamente a sala de aula, constitui-se em um ambiente de discussão sobre o ensinar e aprender História. É um universo

desafiador levando em conta todos os aspectos que perpassam a escola, aspectos estes amplamente conhecidos pelos professores; mas, também desafiador, por conter inúmeras possibilidades de reflexão sobre as relações entre o ensinar e a aprender.

Também, deste espaço, emergem as indagações que povoam os pensamentos, os sonhos, os objetivos dos professores que, por certo, não abandonam a ideia de que o “aluno precisa aprender História” assim, organizam e reorganizam suas aulas sempre na intenção de que o aluno possa, de alguma forma, aprender História. É um movimento sem trégua, pois compreende: os conteúdos, o currículo, o livro didático, o planejamento, a avaliação, a organização das aulas e, em meio a todo este movimento, o ensinar História é constantemente indagado: como os alunos aprendem? Como registram seu conhecimento sobre a História?

A pesquisadora portuguesa Isabel Barca corrobora tais discussões quando afirma que é necessário que “[...] os alunos experimentem procedimentos metodológicos que permitam seleccionar e interpretar fontes, tirar conclusões e avaliá-las por comparação” (BARCA, 2005, p. 15-16). Esses procedimentos levam em conta, entre outros aspectos, o conhecimento histórico que leva em conta o saber ‘ler’ fontes históricas diversas; saber confrontar as fontes nas suas mensagens, nas suas intenções, na sua validade; saber levantar novas questões, novas hipóteses a investigar – algo que constitui a essência da progressão do conhecimento. (BARCA, 2005).

Em estudos dedicados ao ensino de História na educação infantil e anos iniciais, a pesquisadora Hilary Cooper (2006, p. 175) destaca que, ensinar sobre o passado “[...] significa encontrar o passado a partir de fontes, os traços do passado que permanecem, sejam escritos, visuais ou orais”. Nesta direção o trabalho com as fontes históricas nas aulas de história é um aspecto fundamental da metodologia do ensino de história. No entanto, a presença e o uso das fontes exige uma relação gradativa do aluno com as diferentes fontes históricas.

Fontes foram criadas com propósitos diferentes e, portanto, possuem diferentes níveis de validade; frequentemente são incompletas. Por isso, os historiadores fazem inferências sobre as fontes, no

O trabalho com fontes históricas no ensino... - Ana Claudia Urban

sentido de saber como foram feitas, usadas e o que podem ter significado para as pessoas que as produziram e as utilizaram. (COOPER, 2006, p. 175)

A partir desses elementos é possível adentrar a um aspecto que marca a metodologia do ensino de História que é a relação presente/passado. Schmidt (2011, p. 83-84) em seu texto “O significado do passado na aprendizagem e na formação da consciência histórica de jovens alunos”, aponta que:

Tomar o passado como ponto de partida de aprendizagem histórica pressupõe uma ida ao passado por meio dos vestígios que dele encontramos no presente, pois esses vestígios fornecem a ponte para adentrarmos ao passado nele mesmo. [...] Nessa perspectiva ir ao passado pode ser considerado uma atividade de construção de pontes, a partir de fragmentos do passado que existem em um determinado presente e que tenha continuidade com partes do passado que sejam objetos de interesse, mas estariam desconectados do presente.

Levando em conta a possibilidade de “construir pontes” com o passado da cidade, foi sistematizada uma investigação com um grupo de jovens alunos do 9º. ano de uma escola pública da cidade de Ponta Grossa/PR.

As reflexões apresentadas por meio deste trabalho resultam de um estudo exploratório realizado durante o ano letivo com um grupo de jovens alunos. As proposições deste estudo são decorrentes de estudos e reflexões realizadas em 2011, durante os encontros semanais do Seminário Educação Histórica, que acontecem na Universidade Federal do Paraná.

O percurso da investigação ocorreu durante as aulas de História, onde a pesquisadora era a professora da turma envolvida na pesquisa. O recorte utilizado para a sistematização da pesquisa foi ancorado nos indicativos das Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná que em seu texto assume:

Estudar a História do Brasil e as histórias locais relacionadas à mundial entendendo-a para além da História europeia, permite questionar com o estudante

as ideias históricas permeadas de preconceitos que são difundidas pelos meios de comunicação de massa. A partir da valorização de novas narrativas históricas é possível construir ideias históricas sistematizadas em um diálogo cognitivo com o Outro (PARANÁ, 2008, p.75).

A partir do referencial da Educação Histórica, o trabalho com fontes oportuniza aos alunos a reflexão sobre o conhecimento histórico que é próprio da produção científica do conhecimento, ou seja, ajuda os alunos a ouvir outros pontos de vista e aceitar que todos os argumentos podem ser válidos. No entanto a presença das fontes por si só não traduz uma relação significativa com o ensino de História, é necessário estabelecer uma espécie de 'diálogo', como explica a investigadora Rosalyn Ashby (2003, p 42-43):

No desenrolar do seu trabalho de interpretação de fontes, para apoiar uma afirmação ou fundamentar uma hipótese, os alunos precisam ser capazes de interrogá-las, de compreendê-las pelo que são e pelo que elas podem dizer-nos acerca do passado que não tinham intenção revelar. Contudo, as fontes, por elas próprias, não podem ser designadas ou não como evidência somente com base nessa interrogação, visto que é o relacionamento entre a questão e a fonte, tratada como evidência, que determinará o valor que lhe pode ser atribuído para uma investigação específica ou como fundamentação em resposta a uma questão.

Os alunos, sujeitos que participaram da investigação, são moradores dos arredores da escola e estudavam juntos há aproximadamente quatro anos e, na mesma escola.

A temática escolhida foi a "História da cidade", pois existe uma ideia ou um discurso de que os alunos pouco ou nada conhecem sobre a história da cidade. Tal questionamento motivou a investigação justamente por entendermos que, de alguma maneira, os alunos possuem uma experiência envolvendo a história da cidade.

Com tais ideias foi realizado um estudo exploratório a partir de duas questões, que buscavam conhecer justamente a forma pela qual os alunos se relacionavam com a história da cidade e onde

acreditavam existir provas sobre a história.

A primeira questão foi:

- O que você conhece sobre a história da cidade?
- A grande parte dos jovens alunos relacionou a história da cidade à atuação dos tropeiros na região. Algumas respostas formuladas foram:

“Eu ouvi falar que alguns anos atrás aqui em Ponta Grossa havia homens chamados tropeiros, eles levavam bois para outros lugares. Suas viagens duravam meses a até mesmo anos [...]” (Adriano²).

“Eu soube que antes passavam tropeiros levando mercadorias e gado, cavalo e etc.” (Pedro).

“Que aqui em Ponta Grossa antigamente passavam tropeiros carregados de caixas para vender em São Paulo. Eles saíam do Rio Grande do Sul, passavam por Santa Catarina, Paraná e enfim São Paulo. Também muitas mulas, que eram animais muito fortes, onde paravam iam formando-se lugares. Os tropeiros são muito significativos para nós” (Marcos).

“Que antigamente tinha tropeiros que viajavam com gados e cavalos e foram marcando tudo onde passavam, seja pela música ou até seus costumes, seu modo de falar, até pelo tipo de comida e passavam por Santa Catarina, Curitiba e Ponta Grossa” (Renato).

“Eu já ouvi e já estudei os tempos de antigamente, eram os tropeiros que passavam por várias cidades, já ouvi falar também que antigamente não existiam casas [...]. Ponta Grossa não existia porque quem ocupava esse espaço eram os tropeiros que paravam para descansar e também existiam poucas casas e muitas matas, aí então começou a surgir povoamento e começou a sair casas” (João).

Outros alunos apontaram uma relação entre a história da cidade e lugares, como parques e/ou monumentos, como ficou evidenciado nas seguintes afirmações:

“Eu conheço o ‘ponto azul’ que existia antigamente e os trilhos do trem que passavam antigamente e o Regente,

2 Foram utilizados nomes fictícios para identificar os sujeitos envolvidos na pesquisa.

que é uma escola antiga e continua funcionando e onde é o "Oscar Pereira" era um campinho de futebol" (Lucio).

"Dizem que o centro de Ponta Grossa era tudo mato, o terminal de ônibus antes não existia, antes eram só trens onde ali é a Vicente Machado de agora, antes era uma rua de terra com casas do lado [...]" (Rubens)

A segunda questão da investigação inicial solicitava que os alunos registrassem onde acreditavam que era possível encontrar provas da história da cidade.

Em algumas respostas os alunos destacaram os lugares da cidade, os prédios antigos, como: o Colégio Regente Feijó, a Biblioteca Pública, a "Maria fumaça" (localizada em uma praça da cidade), a Estação de trem, a Catedral.

Já outros alunos destacaram os museus, fotos, as pessoas idosas, monumentos da cidade, livros, prédios antigos.

As respostas permitiram refletir que os alunos: conheciam a história dos tropeiros e sua relação com a cidade e relacionavam alguns espaços da cidade como fontes históricas, tais como construções identificadas como 'históricas'.

Em síntese: a presença dos tropeiros foi destacada na história da cidade e, de forma geral, expressaram que os "lugares antigos" são provas sobre a história da cidade, porém não estabeleceram relação entre esses espaços e a presença dos tropeiros.

A partir destes elementos foi organizada a intervenção pedagógica, onde foram discutidas diversas fontes sobre a história da cidade. Entre as fontes analisadas em sala de aula estavam: fotos da cidade de Ponta Grossa do início do século XX, imagens de lugares da cidade, de prédios construídos, como os prédios da Rede Ferroviária, do Colégio Regente Feijó, de fábricas que se instalaram na cidade no período mencionado. Muitas destas fontes foram trazidas pelos alunos, que buscaram em arquivos familiares algum tipo de registro que pudessem relacionar com a história da cidade.

Os alunos também buscaram imagens de monumentos e praças da cidade que, em sua forma de compreensão, "contam a história da cidade".

Como parte da intervenção pedagógica foi sistematizada uma visita a espaços da cidade, como: a Praça Marechal Floriano (onde está localizada a Catedral); a rua XV de novembro, onde é possível

conhecer alguns prédios antigos entre eles o Teatro Municipal Ópera (1947); o prédio da estação da Rede Ferroviária Paraná, construída entre 1899 e 1900 edificação, tinha como função ser, além de um posto de entre cargas, passagem do trem internacional. Na época destacou-se por sua localização e seu porte, e foi considerada uma estação de primeira classe. A estação "Saudade", no momento da visita, abrigava o acervo da biblioteca pública municipal, neste espaço uma funcionária municipal explicou a estrutura arquitetônica do prédio, bem como a forma pela qual era utilizada quando era estação da rede ferroviária.

Também foi visitado o prédio da atual "Casa da Memória" de Ponta Grossa, que pertenceu a Rede Ferroviária, foi inaugurado em 1894 para ser sede da primeira Estação Ferroviária de Ponta Grossa. Servia de embarque e desembarque de passageiros, bem como para o transporte de cargas. Durante a visita deste espaço houve um trabalho de monitoria, onde os alunos puderam conhecer a história e antiga função do prédio, bem como a atual função do prédio – que é a "Casa da Memória" – prédio administrado pela prefeitura e abriga acervo específico sobre a história da cidade, como fotos, jornais, revistas e produções acadêmicas.

Outro espaço visitado é conhecido como a "Mansão Vila Hilda", considerada Patrimônio Histórico da cidade. O casarão foi construído em 1926 por Alberto Thielen, industrial, comerciante e figura de destaque na história de Ponta Grossa, homenageou sua esposa Hilda Thielen ao colocar o seu nome na mansão. No prédio funciona atualmente a Secretaria Municipal de Cultura. A visita ao prédio foi monitorada por uma funcionária municipal que explicou os espaços e a arquitetura.

Após a visita aos espaços mencionados, foram retomadas as reflexões em aulas de História. As conversas que predominaram nas aulas foram sobre os lugares, a sua função, o que viram, o que sabiam, o que não sabiam, entre outros. Muitos documentos trazidos foram retomados e discutidos em aula.

Na sequência foi proposto aos alunos um registro sobre o que aprenderam nos lugares visitados e sobre os documentos históricos que conheceram nestes lugares. Este registro estava centrado em duas questões:

A primeira questão: O que você aprendeu nos lugares visitados?

Alguns alunos registraram:

“Eu aprendi que a história não está só em documentos, muitas vezes a história está nas paredes, em jornais e também em documentos. Eu aprendi isso na Casa da Memória e foi muito interessante ir lá e saber mais sobre a história de Ponta Grossa” (Sonia).

“Eu aprendi muitas coisas novas que nem pensava que existiam, jornais de uma data muito importante, livros que consta como era antigamente e muitas fotos, pinturas, monumentos...” (Alex).

“São lugares antigos que um dia foram importante, pessoas importantes passaram por aqui, às vezes de viagem apenas visitando Ponta Grossa. Muitas pessoas que moram aqui mesmo em Ponta Grossa não conhecem a sua história como os adolescentes e por isso não respeitam esses lugares” (Antonio).

“Antes eu passava nesses lugares e nem sabia o que era, mas aprendi um pouco desses lugares [...] todos os lugares tem uma história, por exemplo, a Estação Paraná ficou pequena e tiveram que construir uma maior: a estação ‘saudade’” (Diego).

A relação à segunda questão: Que documentos você conheceu nesses lugares? Os alunos escreveram:

“Os principais documentos históricos que conheci foram jornais, os detalhes da arquitetura, sobre a estação Paraná e os acervos [...]” (Rita).

“Conheci os discos de vinil, telefones da época, vi a arquitetura das janelas e as paredes grossas feitas de madeira e pedra [...]” (Adriano).

“Os jornais de um século atrás, fotos negativas, as construções que eram da época com suas arquiteturas [...]” (Joana).

“Na casa da memória eu vi fotos negativas, quadros que representavam como eram esses lugares, jornais com mais de 100 anos [...]” (Rafael).

“Livros, quadros da época, fotos, casas antigas, discos, jornais, revistas, gibis e vários monumentos” (Antonio).

“Pelo que eu vi os documentos não estão só em papéis guardados na gaveta, mas sim em paredes em formas de desenhos, em discos antigos, em fotos a te mesmo em revistas” (Maria).

No primeiro grupo de respostas os alunos destacaram as questões relacionadas à presença da rede ferroviária e a necessidade

de conhecer os lugares históricos. Também registraram que, muitos dos lugares visitados, mesmo com localização central, passavam praticamente despercebidos.

Em relação às fontes, os alunos destacaram que reconheceram a história da cidade em diferentes lugares e objetos, ou seja, ampliaram a ideia em relação ao passado. Por meio destas discussões ficou evidenciado que:

A ida ao passado, no processo de aprendizagem histórica, pode ser considerada a partir da perspectiva de Rüsen (2011), de que o importante não é aprender História, isto é, aprender o conteúdo da História, o importante é saber como, dos feitos, surge a História (SCHMIDT, 2011, p. 84).

A partir da realização deste estudo, podemos afirmar que o trabalho com fontes proporcionou aos alunos outra experiência com a história da cidade; favoreceu uma relação diferente com o conhecimento histórico, compreendendo-o como algo diferente do "acúmulo de informações"; permitiu a experiência da provocação, do "confronto", pois a relação com as fontes favoreceu a comparação e a observação de um passado que está no presente.

As fontes assumiram uma dimensão significativa na aprendizagem dos alunos, assim como afirma o pesquisador Ivo Mattozzi (2013, p. 86):

As fontes [...] são, em geral, consideradas bens culturais. Mas todas as coisas, antes de serem usadas para a produção de informação, são coisas em sua origem e, no presente, se tornam vestígios de atividades humanas no passado.

Certamente, a ideia que os alunos possuíam acerca da história da cidade e dos documentos, se modificou, tendo em vista que houve um reconhecimento dos espaços visitados como fontes históricas. Ou seja, o movimento desencadeado por meio deste estudo, permitiu aos alunos uma relação com as fontes, estimulou o diálogo sobre a história da cidade. Sem dúvida o trabalho com fontes em aulas de História proporciona um diálogo com o passado.

Temos que aprender a explorar o potencial das fontes, consultando diferentes elementos que consideramos pertinentes para o tema a ser desenvolvido na escola e pô-las em conjuntos, séries ou grupos para estabelecer as condições para o desenvolvimento das “informações conclusivas” (MATTOZZI, 2013, p. 87).

É importante destacar que o trabalho com as fontes contribuiu com o desenvolvimento de argumentos, sobre a explicação de um ponto de vista sobre a fonte, ajudou os estudantes a ouvir outros pontos de vista e aceitar que todos os argumentos podem ser válidos.

WORK WITH HISTORICAL SOURCES IN BASIC EDUCATION

ABSTRACT

This paper is intended to present results an investigation on how a group of students relates to different historical sources. The research was based on studies and research in History Education, which houses researchers who focus their research on the need to know and analyze the historical ideas of the students and teachers and, therefore, on the principles, sources, typologies and teaching and learning strategies that have as reference History. The present research was conducted with students of the 9th grade of a state school, and its main concern is the form how young students relate to different historical sources related to the history of the city. The research involved: the survey of students' previous ideas, pedagogical intervention in the classroom and visits to various city sites. In the end it was observed that the knowledge of the students about historical source was expanded, considering that there was recognition of the spaces visited as well as the documents that tell the history of the city.

Keywords: History Education. Historical Sources. History Teaching.

REFERÊNCIAS

ASHBY, R. O conceito de evidência histórica: exigências curriculares e concepções de alunos. In: BARCA, I. (org). *Educação histórica e museus*. Braga: CIED, Universidade do Minho. 2003. p. 37-55.

O trabalho com fontes históricas no ensino... - Ana Claudia Urban

BARCA, I. Educação Histórica: uma nova área de investigação. In: NETO, J. M. A. (org). *Dez Anos de Pesquisas em Ensino de História*. Londrina: AtritoArt, 2005. p. 15-25.

BARCA, I.; GAGO, M. Aprender a pensar em História: um estudo com alunos do 6º. Ano de escolaridade. *Revista Portuguesa de Educação*, Braga, v. 14, n. 1, p. 239-261, 2001.

BARCA, I. *O pensamento histórico dos jovens: idéias dos adolescentes acerca da provisoriidade da explicação histórica*. Braga: Centro de estudos em Educação e Psicologia, Instituto de Educação e Psicologia, 2000.

COOPER, H. Aprendendo e ensinando sobre o passado a crianças de três a oito anos. *Educar em Revista*, Curitiba, n. especial, p.171-190, 2006.

COOPER, H. *Ensino de história na educação infantil e anos iniciais: um guia para professores*. Curitiba: Base Editorial, 2012.

MATTOZZI, I. Didática da história e educação para o patrimônio. *Revista Nova Escola*, São Paulo, p. 86-88, Jun./jul. 2013.

PARANÁ. *Diretrizes curriculares da educação básica: História*. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. 2008.

RÜSEN, J. *Razão histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência da história*. Brasília: UnB, 2001.

SCHMIDT, M. A. O significado do passado na aprendizagem e na formação da consciência histórica de jovens alunos. In: CAINELLI, M.; SCHMIDT, M. A. (orgs.). *Educação histórica: teoria e pesquisa*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2011. p. 81-90.

SCHMIDT, M. A. Literacia histórica: um desafio para a educação histórica no século XXI. *História & Ensino*, Londrina, v. 15, p. 9-21, ago. 2009.

Recebido em fevereiro de 2014.

Aprovado em abril de 2014.